

9º CAPÍTULO

OS ANOS DIFÍCEIS

Já não havia muitas dúvidas, nos anos 60, que a indústria das conservas em Olhão, iria sofrer grandes abalos. A concorrência de alguns países, como a Noruega, o Japão e os Estados Unidos da América, apetrechados com a maquinaria mais moderna, e Marrocos também bem preparada, e ainda com a vantagem de contar com uma mão de obra muito barata, não deixavam ilusões quanto ao negro futuro das conservas em Olhão.

As exportações, começam a diminuir, as estatísticas mostram a sua fase decrescente:

1943/44 - 123.891 Toneladas

1949/50 - 34.172 Toneladas

1952/53 - 78.751 Toneladas

Por outro lado, apareciam no mercado internacional, outros tipos de peixe, a que certos países concorrentes, davam indevidamente o nome de sardinha, mas que não possuíam as características dessa espécie, reconhecidas oficialmente por “Crupea Pilchardusa”, que era aquela que Portugal exportava.

Esses países eram a Noruega, a América do Norte, o Japão e outros mais. Apesar dos processos judiciais intentados, na França, Alemanha, Inglaterra e Bélgica, os abusos persistiam e causavam enormes prejuízos às conservas portuguesas. Algumas fábricas de pequenos recursos, fecham e outras abrem falência.

O negócio da transferência e venda dos alvarás, que essa situação ocasiona, dá origem a novas designações comerciais e criaram no decorrer dos anos, a impressão, a quem não seguia de perto estas mudanças, que o número de fábricas tinha aumentado extraordinariamente. Isso levava a supor que a indústria das conservas era um bom negócio, pois iam aparecendo novas firmas. Ora pelo decreto Nº15.581, foi proibida a abertura de novas fábricas de conserva de azeite ou molhos. Para aclarar esse decreto, foi publicada a lista das fábricas autorizadas, em Dezembro de 1935.⁽¹⁰²⁾

(102) Organismos Económicos dos Ministérios do Comércio e Indústria - Boletim Nº 2 - 1935

Essa lista autoriza 37 unidades para Olhão. Durante o período de 1935 a 1960, exceptuando-se algumas baixas, a média manteve-se. Simplesmente se o decreto proibia a abertura de novas fábricas, não impedia que o alvará fosse vendido e surgisse um novo proprietário ou sociedade, que seria, conhecido pelo seu novo nome. Mas a fábrica era a mesma.

O que sucedia é que na contagem que muita gente fazia no decorrer dos anos, juntavam-se por lapso, às primitivas fábricas o nome das outras que iam mudando de dono. As contínuas mudanças de nome, levavam os distraídos, a afirmar que na vila existiam dezenas de unidades fabris. Por vezes em jornais e até em livros afirmou-se a existência de 60, 80, 100 e até de 120 fábricas de conservas em azeite ou molhos.

Além disso para aumentar a confusão, por vezes misturavam-se as fábricas que se dedicavam apenas à estiva, ao número das fábricas de conserva em azeite ou molhos. Sucedia ainda surgir nesta mistura, o nome de um simples exportador, como fabricante. Por sua vez o número de fabricantes de salmoura, não estava condicionado e havia um elevado número deles em Olhão.

Como curiosidade, e dar um pouco de ordem no aparecimento das fábricas de conserva em azeite, indicamos o nome das que foram autorizadas em 1935 para Olhão. Damos também o ano do começo da sua actividade, segundo a relação oficial publicada nesse ano. Este índice compreende as unidades fundadas em anos anteriores e a funcionar até à publicação dessa lista.⁽¹⁰³⁾

- 1 - 1892 - Sociéte Des Établissements F. Delory
(Antiga Fábrica Velha e actual Conserveira do Sul)
- 2 - 1893 - Judíce Fialho
- 3 - 1893 - J.A. Pacheco
- 4 - 1893 - Ramirez e Ca. Lda. (Data provável)
- 5 - 1896 - Gio Batta Trabucco
- 6 - 1907 - Nicolo Lazzara
- 7 - 1908 - Cristóvão Martins Viegas Junior
- 8 - 1910 - Augusto Bruno
- 9 - 1912 - Saias & Ca. Lda.
- 10 - 1912 - Saias & Ca. Lda.
- 11 - 1912 - Quinta, Lda.
- 12 - 1913 - Guerreiro & Ca.
- 13 - 1916 - Domingos Lourenço Baeta

(103) Idem



EDIFÍCIO DA CONSERVEIRA DO SUL, NA AVENIDA 5 DE OUTUBRO.

- 14 - 1918 - Aliança Fabril, Lda.
- 15 - 1918 - Figueira & Ca. Lda.
- 16 - 1918 - Honrado & Honrado, Lda.
- 17 - 1918 - J. Reis Silva
- 18 - 1920 - Sardinha do Algarve. Lda.
- 19 - 1920 - Sociedade de Pescarias e Conservas, Lda.
- 20 - 1920 - Parceria Industrial de Conservas, Lda.
- 21 - 1921 - Empresa de Conservas Nereida, Lda.
- 22 - 1921 - Gian Baptista Parodi
- 23 - 1922 - Henriques & Ca. Lda.
- 24 - 1922 - J. P. Leonardo, Lda.
- 25 - 1922 - Lucas & Ventura, Lda.
- 26 - 1922 - Martins Baptista, Lda.
- 27 - 1923 - Sociedade de Conservas Belo Monte
- 28 - 1923 - Francisco Lourenço Castelo
- 29 - 1924 - J. M. Cabeçadas
- 30 - 1925 - Tomé, Lda.
- 31 - 1926 - Santos Simões & Ca. Lda.
- 32 - 1928 - Martins & Pereira, Lda.
- 33 - 1928 - União Industrial, Lda.
- 34 - 1929 - Soares Viegas, Lda.
- 35 - 1931 - Lazaro & Ca. Lda.
- 36 - 1932 - Vasconcelos & Guerreiro, Lda.
- 37 - 1932 - Empresa Mercantil de Pescas, Lda.

Por este quadro, verificamos que as primeiras sete fábricas existentes em Olhão, até ao ano de 1905, citadas por Ataíde de Oliveira, enumeração aliás incompleta, tinham desaparecido, com excepção da fábrica F. Delory.⁽¹⁰⁴⁾

Como já dissemos, a mudança de proprietários de um alvará, originava o aparecimento de novas designações comerciais. Por exemplo: a firma Vasconcelos & Guerreiro, Lda. mudou cinco vezes de dono. Foi sucessivamente, João Vieira, José Martins Xavier, Manuel Eufémio Afonso, Dionísio Duarte Mascarenhas e A. Valente Xavier. Por sua vez, a Sociedade de Pescarias e Conservas, Lda., passou a Pedro José Reis Viegas, depois a Rogério Alves, e por fim a Conservas Unitas.

Outras eram apenas conhecidas, por um apelido popular: a fábrica dos Alguidares (Nascimentos), dos Montanheiros (Soares e Viegas, Lda.), do

(104) Organismos Económicos dos Ministérios do Comércio e Indústria - Boletim Nº 2 - 1935



PRIMEIRO ANDAR NA AVENIDA 5 DE OUTUBRO, Nº 36 ONDE
MOROU ANTÓNIO JACINTO FERREIRA

Chouriça (Tomé, Lda.), do Vaqueiro (Martins e Pereira, Lda.), do Cabeça Branca (Lazaro & Ca. Lda.), Os Caducas (J.P.Leonardo, Lda.), etc. ⁽¹⁰⁵⁾ Havia ainda outra, conhecida pela fábrica do burro branco.

É interessante ver, o que escrevia o jornal “A Batalha”, sobre o elevado numero de fábricas de Olhão, depois de ter terminado a guerra de 1914-1918. “Encher latas de sardinha, foi negócio de lucros bastos naqueles anos de esfomeada carnificina. Daí uma louca cegueira na abertura de fábricas, sem atender às futuras possibilidades da produção e do consumo.

...tratava-se fazer dinheiro, e não importava saber como. Só o presente se via, e desprezava-se criminosamente o futuro. Tressuando patriotismo por todos os poros, a indústria de conservas cometia o crime de Lesa-Pátria e de Lesa-Humanidade, indispondo os mercados consumidores, contra a fraudulenta falsificação dos produtos portugueses e contribuindo para o insustentável aumento duma população operaria, já até ali miserável e condenada agora a morrer de fome.

...Não teve a indústria de conservas, iniciativa para suprir, com o emprego das máquinas, durante o período da guerra, o excesso anormal de consumo desses anos.

Admitiu pessoal em larga escala. Agora quando a indústria atravessa uma crise, da qual como temos dito, são os próprios industriais os responsáveis, é agora que eles dizem ao pessoal, que não têm que lhes dar que fazer.

Olhão aumentou industrialmente durante a guerra. Desenvolveram-se as indústrias da pesca e das conservas. Mas desse desenvolvimento, resultou simplesmente o enriquecimento de meia dúzia de atrevidos, à custa do povo, cada vez mais miserável, quer sob o ponto de vista material, quer sob o ponto de vista espiritual.” ⁽¹⁰⁶⁾

Por certo que haverá um pouco de exagero, no autor destes reparos, mas também há algumas verdades a considerar. Era notório o numero exagerado de fábricas, depois da guerra. E por isso não surpreendeu o facto do governo, ter proibido em 1935, a abertura de novas unidades conserveiras.

(105) Devo estas informações, à amizade de olhanenses que conheciam bem o ambiente conserveiro. Permito-me destacar os amigos, João Correia Santana, José Francisco Bruno, Manuel Luciano Pité, e Manuel Domingos Terramoto. Para eles o meu agradecimento.

(106) “A Batalha em Olhão” - Jornal “A Batalha” de 4 Março 1922



NESTE PRIMEIRO ANDAR NA RUA NOVA DO LEVANTE, Nº 2
MOROU ANTÓNIO JACINTO FERREIRA

Excluindo três ou quatro fábricas, com boas estruturas comerciais e uma administração cautelosa, todas as outras, de frágil organização, estrebuchavam entre a concorrência e as dificuldades económicas. Estavam prontas a desabar diante duma crise, mais violenta, e assim no correr dos anos surge a fria realidade.

As unidades conserveiras vão desaparecendo. Pelos números que apresentamos, podemos ver a crescente diminuição do numero de estabelecimentos fabris.

1935	37	Fábricas em Laboração	- Boletim Nº2 - Pag.161
1957	28	„ „	- Corr. Olhanense 1958 Nº134
1964	24	„ „	- Rev. Conservas Peixe - 1964
1970	13	„ „	- João Reis - Sp. Olh. 1979 - 286
1980	6	„ „	- Informações Particulares
1995	2	„ „	

A extinção destas fábricas, era explicado pelo encerramento voluntário de alguns, pela falência de outros e algumas vezes por oportunos incêndios.

Pairava ainda a desagradável lembrança, de alguns industriais serem chamados a tribunal, para justificarem o desaparecimento dos créditos concedidos, e por vezes a condenação por actos considerados fraudulentos, como foi entre outros o caso de Ernesto Piccapane e Stikaner Lacasta.

Nos anos setenta, a crise agudizou-se de tal forma, com a queda das exportações, e ainda o número de fábricas em laboração, que a maioria dos conserveiros optou pelas indemnizações propostas pelo governo e fecharam a porta.

Procurando compreender o anormal surgir de tantas fábricas e fabriquetas, pode-se em parte explicar, pelo facto da indústria de conservas ser aparentemente simples e porque o negócio de momento era tentador. Assim o exemplo dos primeiros fabricantes começou a ser seguido, em geral por antigos operários, que com a simples preparação que lhes vinha do ofício e com pequenos capitais, se aventuravam na produção por conta própria. As instalações pouco exigentes, facilita que se multipliquem as fábricas e se improvisem os industriais.⁽¹⁰⁷⁾ A estas facilidades contrapunha-se a falta de preparação comercial e o conhecimento das ciladas dos mercados internacionais e não estarem preparados para enfrentarem as manhas e as habilidades de alguns agentes exportadores, para

(107) Organismos Económicos dos Ministérios do Comércio e Indústria
Boletim Nº 2 Pág. 41/55 - 1935

conseguirem preços quase ruinosos para as encomendas que colocavam. A vida comercial destes conserveiros era um contínuo salto no escuro.

“Às vezes ganhavam dinheiro, mas a unidade fabril ficava mais pobre, porque dividindo ao fim do ano os lucros pelos sócios, estes quase sempre eram consumidos, numa ostentação de luxo, desajeitado, num meio tão pobre como era Olhão. Ninguém cuidava em criar um fundo de reserva, ou na renovação do material para uma evolução técnica.⁽¹⁰⁸⁾”

Embora a produção da indústria de conservas de peixe, tivesse atingido em 1957 o seu mais elevado expoente dos últimos dez anos, a verdade é que todos os Centros, se ressentiram da grave conjuntura económica mundial, que se traduziu num sensível retraimento por parte de alguns dos principais mercados consumidores e numa progressiva baixa de preços.

Em 1957, Olhão colocou-se em segundo lugar, no conjunto da produção de todo o país, com as suas 28 fábricas em azeite.⁽¹⁰⁹⁾ A situação continua a agravar-se. Os Estados Unidos da América, a Grécia e a Itália, retraem-se nas encomendas. Os preços oscilam diante da concorrência estrangeira. Os stocks vão-se acumulando. Os conserveiros tem necessidade absoluta de realizarem dinheiro. Na imprensa local, escreve-se: “Olhão atravessa uma crise gravíssima, sem duvida a maior que em qualquer tempo a avassalou, e cujo desfecho se lhes antolha trágico.⁽¹¹⁰⁾”

Quais as causas que empurraram esta indústria para o reino da prosperidade e agora a puxavam para o descabro?

Os países empenhados na guerra, eram uns excelentes clientes. O dinheiro corria. Para quê preocupações? Acabada a guerra, surgiu a concorrência. Olhão não estava preparada para competir e o mercado interno não tinha possibilidades de sustentar esta indústria. Era uma situação, que um observador atento poderia prever. Afundava-se uma indústria, que nunca tinha tido bases sólidas. Não tinha reservas financeiras e o que era mais grave, não possuía perspectivas do que seria o futuro, no campo da concorrência. O amanhã não era motivo de preocupações para a maioria das pessoas.

Para agravar esta situação, Olhão sofreu ainda, e mais uma vez, uma desesperada falta de sardinha. Com muita graça e uma ponta de humor negro,

(108) José Barbosa - “A Indústria das Conservas de Peixe em Olhão”
In Sport. Olhan. 1990 N° 550

(109) “Olhão Ganhou a Segunda Posição” - In Cor. Olhan. 1958 N° 154

(110) In Sp. Olh. 1958 N° 252

mas atento ao desespero que estas ocorrências criavam quando surgiam, o jornalista João Trigueiros escrevia:

- ”A sardinha é a rainha de Olhão!
- Ai de nós, todos, quando o dinheiro não cheira a peixe!
- A sardinha é a rainha; o biqueirão é o príncipe consorte!
- O biqueirão é o único que mitiga, temporariamente, a saudade que aflige as gentes, quando a sardinha falta.

Chicharro, sarda e cavala, pertencem ao séquito do pescado, almejado pelo povo, mas a sardinha, repito, é a salvadora dos olhanenses.

Quando ela não aparece, surge a tristeza. Se se ausenta, longo tempo, vem a penúria.

Honra seja feita aos pescadores. O peixe é o importante. O resto ...é paisagem.

Sem peixe não há dinheiro em Olhão.”⁽¹¹¹⁾

Por isso, obter uma abundante pesca de sardinha, foi sempre a preocupação dos pescadores e dos conserveiros. Por vezes este assunto merecia a atenção dos governantes. E assim vemos que o Marquês de Pombal, organiza a “Companhia das Reais Pescas do Algarve” à qual fez concessões tendentes a garantir grandes proventos aos accionistas e a darem grandes vantagens à coroa”. Mas não se olha para a situação de miséria do pescador.

A Companhia tinha a sede em Lisboa e alguns directores no Algarve, sendo um em Tavira. Os directores usufruíam de imunidades e gozavam de grandes regalias, como uma percentagem, sobre todas as compras e vendas, o que originou fraudes. Esta experiência redundou em fracasso devido, aos maus gestores, à falta de dinheiro e à sede estar em Lisboa.

Em 1878, foi criada a “Comissão de Pescarias” com o fim de orientar o exercício da pesca.

Em 1932, foi criado o “Consórcio Português de Conservas de Sardinha” e graças a este organismo, logo no ano da sua fundação, o valor do pescado da sardinha, teve um aumento de nove mil contos.⁽¹¹²⁾

(111) João Trigueiros - “Olhão a Vila Cubista” - Sp. Olh. 1983 N° 380

(112) Guilherme Salgado - Jornal do Comércio Suplemento N° 32175 - Lisboa 1959

Mas todas estas iniciativas, não evitavam que a sardinha por vezes desaparecesse da costa algarvia. Era mais uma calamidade a juntar à situação de crise que se vivia. Sem matéria prima as fábricas fechavam.

António Jacinto Ferreira, espírito atento, estudava estas situações e via que a maneira de conseguir manter a sua empresa, com um ritmo de trabalho constante, para poder respeitar os seus compromissos, teria que aumentar a quantidade de peixe que necessitava para a sua laboração. A solução seria arriscar-se e ir arrancar ao mar, mais algum peixe. Ponderava as vantagens, os perigos e o dinheiro lhe iria custar. Era um novo campo de actividade, para ele desconhecido que teria de enfrentar.

“Por volta de 1950, a maior parte da pesca já se fazia em barcos de motor. Mas havia ainda a seu lado, barcos menores, as lanchas e sacadas, que eram movidas a vela. Entre os barcos a motor, avultavam os “Galeões” ou “Cercos”, que eram os barcos maiores dedicados à pesca. Entre eles de menores proporções, começavam a surgir as traineiras, por serem mais económicas e darem mais rendimento na pesca.”⁽¹¹³⁾ Além disso a sua tripulação era menor o que tornava a sua exploração mais económica.

Resolve então comprar uma traineira. Era uma perigosa cartada. Era sujeitar-se a todos os riscos que um barco no mar representa. Mas ele não era um homem que recuasse perante um desafio e avançou para esta nova fase das suas actividades. Comprou a primeira traineira a que deu o nome “Conserveira” O tempo passa e ele verifica que a sua aventura, foi um bom investimento, e adquire um segundo barco, a “Rainha do Sul”. Segue-se um terceiro a “Princesa do Sul”. Com o passar dos anos renova a frota, com a “Restauração” e a “Costa Azul”.⁽¹¹⁴⁾ Ao todo envolve nesta arrojada experiência seis traineiras.

O peixe apanhado, que nem sempre era a sardinha, permite-lhe manter a fábrica em funcionamento todo o ano e dar trabalho a centenas de operários. De notar que a maioria das conserveiras, fechavam durante meses, e só reabriam nos períodos em que a sardinha rondava a costa em maior abundância, ou seja nos meses de Verão. Os meses de Inverno eram épocas de fome.

Estes ciclos de fartura e penúria, causavam graves perturbações na vida da população, pois a maioria dependia da abundância ou falta de peixe. Olhão

(113) Marino Coelho - “Mobilidade Social Urbana - Olhão - 1950/1970”
Universidade Técnica de Lisboa - Lisboa 1973 - Pág. 182

(114) Amável informação de Manuel Fernandes Aleluia

pode-se dizer, vivia do mar. Anos havia, em que a situação era de extrema gravidade. Em anos anteriores, as autoridades instituía, a “Sopa dos Pobres”, com uma distribuição diária de 400 sopas, vendidas a \$20 cada.⁽¹¹⁵⁾

Com esta instabilidade na economia das famílias, cujo ganha pão na maioria, provinha apenas do trabalho nas fábricas, não era possível cumprir compromissos. Assim não se deve estranhar, a notícia publicada no jornal da terra “de que várias casas, construídas no Bairro Operário de Olhão, não se alugavam, pois a renda que era de 45\$00 por mês, ter subido para 160\$00, valor que era incomportável para a maioria dos operários. Resultado. Os concursos que se têm feito para os alugar, ficam desertos.”⁽¹¹⁶⁾

Para além do peixe que comprava na lota, mandava ainda vir pescado, dos portos de Peniche e Matosinhos, para que não houvesse quebra de trabalho durante todo o ano. Escusado será encarecer, os benefícios que estes cuidados, traziam aos operários. Era o pão assegurado para centenas de famílias, durante o Verão e o Inverno.

O velho problema da instabilidade dos preços das conservas para exportação, voltou a agudizar-se. Para além disso, era mais tenaz a luta dos fabricantes espanhóis, que procuravam apossar-se do nosso mercado. Era preciso ainda contar com a concorrência, cada vez mais agressiva, do Japão e dos Estados Unidos, e Marrocos, que invadiam os mercados com conservas de inferior qualidade, vendidas mais baratas. Um especialista dos mercados internacionais, chamava a atenção para a gravidade deste problema.

“A instabilidade dos preços, é o ponto fraco, aquele em que a indústria, e consequentemente o comércio de exportação das conservas portuguesas, falha redondamente. Poderíamos mesmo dizer, que as cotações das conservas portuguesas são a pura definição da instabilidade.

Pensou-se na criação duma associação de produtores e exportadores, com o fim de formar uma frente forte, que pudesse impor preços justos em relação a clientela. Esta desejada concentração comercial, não teve êxito, pois não se pode ultrapassar, os arreigados sentimentos de individualismo. Esta recusa de associação, por certo que vai contribuir, para o aumento das dificuldades.”⁽¹¹⁷⁾

(115) João Villares - “Vida em Olhão no Tempo do Padre Delgado”
Seminário Episcopal de S. José do Algarve - Faro 2ª Edição 1990

(116) Bairro Operário - Corr. Olh. 1949 Nº 58

(117) Ferreira Barbosa - “As Conservas de Peixe na Exportação Portuguesa”
In Jornal do Comércio Suplemento - Nº 32.175 - Lisboa 1959



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, COM OS FILHOS NETOS E NORAS.

Havia ainda que contar, com a desleal e desenvergonhada pirataria dos pescadores espanhóis, invadindo as águas do Algarve. A imprensa soltava contínuos alarmes, mas com poucos resultados.

O jornal “O Algarve” escrevia: “Alerta pescadores portugueses! Alerta fabricantes de conservas do Algarve! Os nossos locais de pesca estão sendo devastados pelos espanhóis.

Os espanhóis, não tem peixe. Nós ainda por vezes o temos. Eles querem vir cá buscar o que é muito nosso, e tentam ainda conferências e convênios que os favoreçam.”⁽¹¹⁸⁾

Pressionados, pela brutal queda dos preços, para exportação, que foram descendo de 14 dólares por caixa, para sete dólares, os conserveiros de Olhão procuraram travar este desastre. Reúnem sob a presidência de Lourenço Lopes Mendonça, responsável pelo Grémio das Conservas, e acertam por unanimidade em manter o preço anterior de 14 dólares por caixa.

Esta decisão, foi logo comunicada aos importadores. Até aqui tudo muito bem. Simplesmente, alguns conserveiros arrastados pelo seu espírito de independência e apertados pela necessidade de realizar fundos, logo que acharam oportuno, ofereceram aos compradores, preços inferiores, àquele que tinha sido combinado entre todos.^(118A)

Alarmado por esta desorganização, que a todos prejudicava, compradores e vendedores, o representante de várias firmas portuguesas nos Estados Unidos, a Companhia americana Albert N. Cory, de New York, representada pelo seu gerente David Cory, resolve vir a Portugal, para tentar alcançar um acordo entre os industriais portugueses e as centrais de compras americanas.

Conseguiu reunir em Lisboa, os representantes dos centros conserveiros e os mais importantes fabricantes. Discutiram durante dias, sem conseguirem chegar a qualquer decisão. Desiludido pela inutilidade e fracasso das negociações, regressa a New York.

Soube-se mais tarde, que um grupo de agentes comerciais portugueses, que tinham na mão um grande numero de fabricantes, por vias travessas, tudo

(118) Libertário Viegas - In “O Algarve Através do “O Algarve”
Capítulo XXIV - Faro 1982 - Edição de “O Algarve”

(118A) Informação do Antigo Conserveiro, senhor Carlos Ilári

tinham feito para evitar qualquer acordo, o qual viria a prejudicar os seus interesses.^(118B)

Estava o caminho aberto, para a destruição da indústria conserveira. Seria apenas uma questão de meia dúzia de anos, para se consumir a sua ruína.

(118B) António Jacinto Ferreira Júnior, amigo pessoal de David Cory, e que acompanhou estas tentativas de acordo.